



ENSINO DE CIDADE E O AUDIOVISUAL

Lucas da Silva Santos¹
Geny Ferreira Guimarães²

RESUMO

Os bairros são parcelas espaciais cidadinas de complexidade no mundo contemporâneo, na sociedade com crescentes processos de produção tecnológica, informacional e constantes resultados inovadores. Assim, as maneiras de ler, ver, pensar, sentir e aprender podem se apropriarem do audiovisual como metodologia pedagógica quando inseridas na escola, que faz parte dos bairros, cidades e sociedade. Torna-se relevante para as salas de aulas, a apresentação de diferentes diálogos sociais que possam gerar um fator atrativo aos estudantes dos componentes curriculares, no caso a Geografia, tornando conteúdos, metodologias e práticas cotidianos escolares mais leves e dinâmicos para os estudantes e desenvolver conhecimentos a partir dos seus locais de vivências e moradia. Na medida em que os estudantes e professores conjuntamente criam conhecimento, também identificam valores coletivos e o audiovisual pode captar potencialidades interessantes para os conteúdos geográficos. O ensino de Geografia deve assumir o desafio de lidar com variadas perspectivas tecnológicas na escola e ser considerada uma mediadora no desenvolvimento da autonomia dos estudantes, quando apresentados à produção audiovisual. A espacialidade local (seu bairro e cidade), cotidiana e pessoal do espaço vivido dos estudantes passa a ser central e consequentemente apreciada. Conexões que passam despercebidas podem ser aguçadas por percepções e leituras geográficas e, assim, promover a observação mais detalhada de sua própria cidade, atingindo inovações no modo de criação, expressão e comunicação entre os estudantes, a escola e a Geografia.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; Audiovisual; Cidade; Criatividade; Imagem.

RESUMEN

Los barrios son parte del espacio urbano de complejidad en el mundo contemporáneo, en una sociedad con crecientes procesos de producción tecnológica e informacional y constantes resultados innovadores. Así, las formas de leer, ver, pensar, sentir y aprender pueden ser apropiadas por el audiovisual como metodología pedagógica al insertarse en la escuela, que hace parte de los barrios, las ciudades y la sociedad. Se vuelve relevante para las aulas, la presentación de diferentes diálogos sociales que puedan generar un factor atractivo para los estudiantes con dos componentes curriculares, además de la Geografía, haciendo más livianos y dinámicos los contenidos, metodologías y prácticas del cotidiano escolar, para que los estudiantes se desarrollen y desarrollar conocimiento de los lugares de experiencia y alojamiento. A medida que estudiantes y profesores crean conocimiento juntos, también identifican valores colectivos y el audiovisual puede capturar un potencial interesante

¹ Mestrando pelo Curso de Programa de Pós-Graduação em Geografia, IM-UFRRJ, lucas.silva-santos@outlook.com

² Coautor ou Professor orientador: Doutora, Programa de Pós Graduação em Geografia, UFRRJ, genyguimaraes.ufrj.br

para el contenido geográfico. El docente de Geografía debe asumir el desafío de abordar las variadas perspectivas tecnológicas en la escuela y ser considerado un mediador en el desarrollo de la autonomía del estudiante cuando se introduce en la producción audiovisual. La espacialidad local (su barrio y ciudad), cotidiana y personal del espacio vivido por los estudiantes se vuelve central y, en consecuencia, apreciada. Conexiones que pasan desapercibidas pueden agudizarse mediante percepciones y lecturas geográficas y, así, promover una observación más detallada de la propia ciudad, logrando innovaciones en la forma de creación, expresión y comunicación entre estudiantes, escuelas y Geografía.

Palabras clave: Enseñanza de Geografía; Audiovisual; Ciudad; Creatividad; Imagen.

INTRODUÇÃO

A educação augiu, por bastante tempo, aprisionada ao método positivista, em que considera a linguagem escrita e a estabelece enquanto incomparável maneira de autenticar os pensamentos e saberes e negligenciar a admissão de outros códigos- como aspecto de possibilidades de leitura e escrita do mundo.

Tendo em consideração a complexidade do mundo contemporâneo onde a sociedade mantém-se os processos de produção resultante de inovações na maneira de ler, ver, pensar e aprender opera-se o audiovisual como um incitamento para a escola. É imprescindível deparar, nas salas de aulas presentes, componentes na qual consigam oferecer a relação entre o que capaz de ser ensinado com o método a ser ensinado.

A utilização da produção audiovisual, autônoma, dos discentes, vem adquirindo espaço na leitura do ensino, na medida em que o discente e o docente criam conjuntamente o conhecimento escolar e identificam o valor de ambas as partes. O ensino de geografia deve se colocar ao desafio de identificar novas perspectivas que a tecnologia concebe e a escola desloca-se para se torna mediadora da produção autônoma do audiovisual proposta pelo discente a respeito de sua espacialidade (do espaço vivido, sobretudo dentro da cidade), assim, atingindo uma inovação no modo de criação, expressão e comunicação.

A proposta do texto é apresentar maneiras de trabalhar com a produção audiovisual com jovens, onde foi com base teórica analisada o uso de curta-metragem no ensino de geografia, partindo do princípio que as relações do vivido dos alunos devem ser levadas em consideração e por meio desta possivelmente realizar problematizações do cotidiano e o professor atuando enquanto mediador. Através disso seria uma possibilidade interessante à ação do educando focada e elaborada, pelos próprios estudantes, de curta-metragem.

A ideia é trazer a cidade no intuito de identificar as questões tocantes ao espaço urbano, o aluno produz e se torna lar de memória, sendo assim elaborar sua assimilação sobre ela, e como a linguagem do audiovisual poderia propor um manifesto à representação do educando acerca do cotidiano e suas problemáticas, e também, ser uma forma de produção do conhecimento geográfico.

Decidiu-se, com base em levantamento bibliográfico, a pesquisa-ação enquanto rumo na investigação. Neste, individuou pesquisador e o colegiado (aluno e professor) atribuem os objetos, as direções e as decisões acerca do elemento em análise. Tendo enquanto ideia divisão em grupo, uma vez em que as expectativas e frustrações são segmentadas, as intencionalidades são colocadas à mostra e a o processo de produção é livre. Cabendo ao pesquisador apontar por meio de diário de campo, imagens, filmagens as ações, esta mais atenta com o processo do que com a própria atividade.

A finalidade deste artigo é apresentar a linguagem audiovisual no ensino de geografia, através das praticas cotidianas dos alunos e como o professor pode lidar com isso enquanto mediador, tendo em vista que parte da metodologia é baseada em pesquisa-ação. A partir disso, pensar atividades focadas no educando na realização de curtas-metragens.

O texto está dividido em três momentos: no primeiro, apresenta-se a importância da comunicação e educação baseado no audiovisual no espaço escolar, indicando a utilização do audiovisual enquanto uma instigação interessante, uma vez que em decorrência de todas as alterações no âmbito social e tecnológico, um processo de produção de curta-metragem escapa do cenário de uma educação bancaria, onde o aluno não faz parte do ensino-aprendizagem. No segundo momento, coloca se em xeque a mais ideal metodologia, salientada em levantamentos bibliográficos, para o desenvolvimento da pesquisa foi utilizada a pesquisa-ação na qual tem intuito de colocar o discente no foco da aprendizagem. Por fim. a cidade como importante conteúdo no ensino de geografia e como reflexão que possibilita ao estudante compreender o processo de produção espacial e local, bem como reconhecer-se como parte deste.

METODOLOGIA

A pesquisa-ação é uma metodologia muito utilizada em projetos de pesquisa educacional. Segundo Thiollent (2002, p. 75 apud VAZQUEZ; TONUZ, 2006, p. 2), “com a orientação metodológica da pesquisa-ação, os pesquisadores em educação estariam em

condição de produzir informações e conhecimentos de uso mais efetivo, inclusive ao nível pedagógico”, assim propiciando condições para transformações dentro do próprio espaço escolar.

Outros dois autores, Kemmis e Mc Taggart (1988, apud ELIA; SAMPAIO, 2001, p.248), expandem essa forma de compreensão do conceito de pesquisa-ação com as seguintes palavras:

Pesquisa-ação é uma forma de investigação baseada em uma autorreflexão coletiva empreendida pelos participantes de um grupo social de maneira a melhorar a racionalidade e a justiça de suas próprias práticas sociais e educacionais, como também o seu entendimento dessas práticas e de situações onde essas práticas acontecem. A abordagem é de uma pesquisa-ação apenas quando ela é colaborativa... (KEMMIS; MC TAGGART, 1988, apud ELIA; SAMPAIO, 2001, p.248).

A forma de se iniciar um projeto acadêmico que utilize como metodologia a pesquisa-ação é caracterizada pela colaboração entre o pesquisador e os pesquisados, também tem como base três princípios: Caráter participativo, impulso democrático e contribuição a mudança social.

Pesquisa-ação é uma forma de investigação-ação que utiliza técnicas de pesquisa consagradas para informar a ação que se decide tomar para melhorar a prática seja ela onde for na pesquisa-ação. Frequentemente se produzirão dados sobre os efeitos de uma mudança da prática durante a implementação, mediante observação, por exemplo.

Segundo Elliott (1997, p.15), a pesquisa-ação permite preencher as lacunas existentes entre a pesquisa educativa e a prática docente, logo, entre a teoria e a prática, e seus resultados expandem as capacidades de compreensão docente e sua prática. Por isso, favorecem relevantemente as mudanças no âmbito da educação.

Esse método de pesquisa é um processo cujo caminho envolve uma prática reflexiva e de cunho social, onde o resultado da pesquisa deve servir, ainda que de forma mínima, para a compreensão do objeto estudado e utilidade desse para uma significativa melhora social. De forma simples, também deve investigar a própria prática com o intuito de melhorá-la, mas não para si e sim para o coletivo. Assim, a “*pesquisa-ação é um termo que se aplica a projetos em que os práticos buscam efetuar transformações em suas próprias práticas...*” (BROWN; DOWLING, 2001, p. 152).

O pesquisador tem um papel ativo se escolher para sua pesquisa essa metodologia. Ainda que leve em consideração o coletivo e se tenha a colaboração de todos os envolvidos, ainda sim seu papel é essencial, uma vez que escolhe o objeto e age em todo o processo, do início ao final da pesquisa, se encaixando à noção de Sachs (2003) de “profissional ativista”.

Outra característica do relacionamento recíproco entre pesquisa e prática aprimorada é que não apenas se compreende a prática de modo a contribuir na pesquisa-ação, mas também se ganha uma melhor compreensão dessa ação cotidiana, de modo a utilizar o contexto, o meio e a finalidade principal que é compreensão para construção do ensino.

É importante que se reconheça essa metodologia de pesquisa como um dos inúmeros tipos de investigação-ação, que é um termo genérico para qualquer processo que siga um ciclo no qual se aprimora a prática pela oscilação sistemática entre agir no campo da prática e investigar a respeito dela. Planeja-se, implementa-se, descreve-se e se avalia uma mudança para a melhora de sua prática, aprendendo mais, no correr do processo, tanto a respeito da prática quanto da própria investigação. 1 etapa- apresentação da proposta. 2 etapa -Produzir roteiro do vídeo. 3 etapa-Enquadramento. 4 etapa- Organização dos grupos. 5 etapa-Gravação. 6 etapa-Edição.

A sugestão de produção audiovisual de curta-metragem neste texto tem por finalidade da provocação de refletir: conhecer quem são os membros participantes do projeto; onde realizam suas atividades durante o dia a dia; como notam a cidade; quais as problemáticas que percebem acerca da cidade.

O uso do audiovisual no ensino de geografia

No que esta relacionada à educação, a Geografia, tem como atributo elaborar críticas a respeito relações e articulações sociais na perspectiva de encontra-se alterando e aperfeiçoando essas relações, tornando-se um dos elementos fundamentais para os agentes nas conquista e mudanças sociais.

Castellar e Vilhena (2010, p.18) alegam que: “a educação geográfica contribui para que os alunos reconheçam a ação social e cultural de diferentes lugares, as interações entre as sociedades e a dinâmica da natureza que ocorrem em diferentes momentos históricos”.

Perante inúmeros objetos, a Geografia ocupa o seu principio social, proferindo as relações sociais em decorrência do ensino de geografia. Modificando o individuo, que a priori estavam na inercia de pensamento. A finalidade do ensino do ramo da Geografia há



possibilidade de ser agente atuante no espaço geográfico e compete ao docente de transcender esse cunho geográfico, transferir ao educando para um pensamento crítico e atuante na sociedade.

Nesta situação conforme Vessentini (1999, p. 22),

“[...] é extremamente importante, muito mais do que no passado, que haja no sistema escolar uma disciplina voltada para levar o educando a compreender o mundo em que vive, da escala local até a planetária, dos problemas ambientais até os econômico-culturais”

A partir epígrafe acima se comprova uma forte relevância da Geografia operando no meio social- diante disso papel da Geografia enquanto disciplina escolar. A Geografia necessita realizar a atribuição o papel de transformador das condições sociais, trabalhando com a realidade e possíveis soluções para questões sociais

De acordo com que encontramos no PCN,

“A Geografia é uma área de conhecimento comprometida em tornar o mundo compreensível para os alunos, explicável e passível de transformações. Nesse sentido assume grande relevância dentro do contexto dos Parâmetros Curriculares Nacionais, em sua meta de buscar um ensino para a conquista da cidadania brasileira.”
(BRASIL/SEF, 1998, p.26)

A Geografia é capaz de participar juntamente com a sociedade desde momento que onde estuda e analisa o meio geográfico, procurando assimilar as relações sociedade/natureza. O discente explorara a vinculação do ser humano com a natureza, a partir disso, ira obter um parecer crítico à frente dos episódios realizados.

A educação geográfica transfigura-se mais significativos para os alunos, no momento em que se contempla no amago do processo de ensino-aprendizagem, com suas experiências vividas reconhecidas, atento como a Geografia contribui como compreensão do mundo e de seu âmbito de vivencia, orientando-o da mesma forma para alteração do espaço.

Acerca da relevancia do ensino de geografia, Straforini (2004, p. 51) elucida:

“Não podemos mais negar a realidade ao aluno. A Geografia, necessariamente, deve proporcionar a construção de conceitos que possibilitem ao aluno compreender o seu presente e pensar o futuro com responsabilidade, ou ainda, preocupar-se com o futuro através do

inconformismo com o presente. Mas esse presente não pode ser visto como algo parado, estático, mas sim em constante movimento.”

Por intermédio da referencia elencada acima, entender que o ensino de geografia é essencial para a formação do cidadão crítico; para a análise social, econômica, política, ambiental e cultural é extremamente relevante. Não é viável dizer que a geografia escolar é a Geografia que de fato pretendemos para os alunos, contudo, no cotidiano vem trabalhando para adquirir a sua admissão na sociedade atual.

O professor necessita superar o pensamento da Geografia positivista a qual fora bastante utilizada durante muito tempo. É necessário incentivar a curiosidade do aluno a fim de o mesmo consiga levar suas indagações e conclusões para dentro de sala de aula, participando um ambiente em que haja troca de conhecimento, dialogo e comunicação com realidades distintas.

Monbeig (1956, pg.20) afirma que:

“para um mundo moderno convém um ensino moderno e a Geografia é uma interrogação permanente no mundo. A evolução do ensino da Geografia, nesse sentido, é facilitada pelos contatos de todo o gênero que tem a mocidade com os problemas do dia. A conversação em família e alguns meios, o rádio, a televisão, os jornais, as atualidades cinematográficas mergulham os jovens, nesse banho de inquietação, pelo menos no que se refere aos debates econômicos. Não é fácil ao professor aproveitar-se disso para animar o seu ensino. Os alunos encontrarão aí uma prova de que a vida não para na porta da classe, a qual deixará de ser um meio artificial”.

No intuito conceber e desenvolver as aulas, são indispensáveis recursos que cooperem no processo de ensino-aprendizagem, são intitulados de recursos didáticos. São matérias, artifícios cooperantes no andamento do ensino e aprendizagem, que dispõem especificidades de ferramentas, tendo potencial a esses elementos: o professor, os livros, os mapas, os objetos físicos, as fotografias, gravuras, os filmes, os recursos naturais e entre outras.

O educador precisa oferecer novas metodologias de ensino para a sala de aula, ausentando se de lidar apenas com o livro didático e com temas na qual não abrange a realidade dos educandos. Desse modo, a sala de aula frequentemente acerca do processo de modificação, e na procura no desenvolvimento do processo de ensino. A utilização das

tecnologias de informação e comunicação converte-se em instrumentos fundamentais para esse progresso.

Conforme Porto (2002) é essencial sobrepujar o uso de inovações tecnológicas somente enquanto recurso de amparar de um ensino aflito apenas com a transmissão do conhecimento.

Vale destacar nesta parte diante do momento que abre portas para as mídias enquanto instrumento, e sustenta-se um período, uma vez que no decorrer de muito tempo à própria eram empregues resolver adversidades educacionais e não atuar na produção do conhecimento. Nos dias de hoje, é considerável em sua utilização para promover modificações no âmbito escolar e no método de ensino “As pessoas em interação com as mídias tornam-se mediadoras destas, assim como as mídias tornam-se mediadoras entre as pessoas” (PORTO, 2002, p.3).

Como afirma Cavalcanti (2008, p.16), as tecnologias da informação e comunicação atuam uma função primordial no processo de aprendizagem, visto que quantidade de conteúdos a serviço do aluno torna-se a fazer enquanto global, e praticamente, imediata. Desse modo, somos capazes ponderar que o uso das TICs, particularmente, os recursos audiovisuais detêm amplo aptidão didático para o ensino de Geografia.

Para fortalecer a aplicação de métodos didáticos diversos, enquanto assistente no processo da construção do conhecimento, um propósito pontuado através dos Parâmetros Curriculares Nacionais destaca-se o valor da utilização desses recursos:

“utilizar as diferentes linguagens: verbal, musical, matemática, gráfica, plástica e corporal. Como meio para produzir, expressar e comunicar suas ideias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo as diferentes intenções e situações de comunicação”. (Parâmetros Curriculares Nacionais)

A utilidade de material audiovisual de nenhuma maneira pode ser imaginada como ferramenta usada em uma determinada aula específica, longe disso, é possível ser incluído no cotidiano da sala de aula. O material de audiovisual no universo escolar é provável de ser exposto de maneira natural espontaneamente bem como no dia a dia tanto para o aluno quanto para o professor. Ao vira ininterrupta no processo de aprendizagem. Essa categoria de recurso didático introduz o discente enquanto agente direto no processo de formação do conhecimento mais próximo do docente.

Referindo-se a essa finalidade do material audiovisual Moran (1995) indica comportamento errôneo de atividade a respeito de filmes em sala de aula:



“tratar a linguagem cinematográfica como se fosse um vídeo tapa buracos, ou seja, apenas com intuito de passar o tempo da aula ou na ausência do professor. O vídeo enrolação, que não condiz com a disciplina tratada em sala de aula, sendo que faça o aluno perceber que o filme não está utilizado de maneira correta. Deste modo, existe uma infinidade de denominações para os filmes reproduzidos sem propósito pelo professor para a classe.”

Em compensação, Moran (1995) estabelece algumas recomendações do uso do audiovisual de maneira adequada:

“vídeo como sensibilização de um assunto que é desconhecido pelos alunos visando despertar a curiosidade entre eles. Outro tipo é o vídeo como ilustração capaz de exemplificar o que o professor fala em aula e o vídeo como produção, os alunos incorporam o criador e produzem um vídeo que trate sobre os seus pontos de vista sobre determinado assunto e entre outros tipos de vídeos tratados pelo autor em sua obra, com intuito educativo.”

O propósito de forma alguma substituir os livros e leituras de mapas por videoaulas e animações, porém a efetiva finalidade é identificar que ainda encontram-se espaços a que consistir em preencher no processo de ensino-aprendizagem e que as mídias têm potencial de colaborar no mesmo. Apesar de tão comuns no nosso habitual, às mídias até então esbarra em oposição em sua utilização em sala de aula.

Ao realizar uma produção audiovisual relacionando conceitos e temas da Geografia, o aprendizado do educando se reconhece a verdadeiro campo em que a Geografia se insere. É sabido que a Geografia está adiante do livro didático e ainda além do que é possível transcorrido pelo professor no decorrer de uma aula teórica. A construção desse modelo de material revertido para o estudo oportuniza moderno e amplo, deixando o estudante alastrar suas habilidades e se apossar de novos conhecimentos.

Em síntese, “o papel do filme na sala de aula é o de provocar uma situação de aprendizagem para alunos e professores. A imagem cinematográfica precisa estar a serviço da investigação e da crítica a respeito da sociedade em que vivemos” (BARBOSA, 2008, p.112).

Ensino de cidade

Callai (1998, p.56) argumenta que a geografia, enquanto uma ciência estuda, analisa e estimula a esclarecer (compreender) o espaço produzido pelo ser humano. Além disso, o

ensino de geografia contribui para a formação da cidadania através da prática de construção e reconstrução de conhecimentos, habilidades, valores que ampliam a capacidade de crianças compreenderem o mundo em que vivem e atuam, numa escola organizada como um espaço aberto e vivo de culturas. (CAVALCANTI, 2002, p.47).

Com o intuito de obter mais adequadamente a análise é de suma relevância compreender o conceito primordial para a definição do espaço urbano. No que tange a isso Corrêa (1999, p. 09) compreende que: “Este complexo conjunto de usos da terra é, em realidade, a organização espacial da cidade ou, simplesmente, o espaço urbano”. Posteriormente o autor constata que o espaço urbano é fragmentado e articulado. No momento em que retrata a fragmentação do espaço urbano Roberto Lobato refere-se a distintos aspectos e elementos na qual influenciam na formação e na modificação do espaço urbano. Além disso, Correa menciona a combinação que contempla o sistema de relações relacionado aos fenômenos que integra o espaço urbano.

Nesta circunstância, o espaço urbano adentra o âmbito educacional, visto que uma das essências do ensino de geografia é a percepção crítica do espaço geográfico em sua plenitude. “Saber pensar o espaço é, entre outros aspectos, condição necessária para orientar as ações do indivíduo como pessoa e cidadão, em relação ao seu comportamento de vida na rua, na cidade ou mundo.” (SEEDUC-RJ, 2010, p. 100).

Dessa maneira, Silva (2009) sugere a cidade enquanto forma são repletas de elementos aptos que constituem os princípios pedagógicos relevantes para o ensino de geografia e formar cidadão que critiquem o espaço geográfico na qual lhe são dados.

A cidade educadora contém uma trama de espaços pedagógicos formais e informais, que promovem o estímulo e a concretização da verdadeira cidadania. Essa força educadora advém das trocas e contatos sociais, que ocorrem intensa e permanentemente, além das relações concretas e simbólicas que se desenvolvem nela. (p.7).

Milton Santos (2001) comenta ser necessário compreender as formas-conteúdos da cidade a começar por todas as frações da idade científica da técnica na qual a produziu, abrangendo os seres humanos, companhias, corporações, meio ecológico e infraestrutura, seguindo disso, dispor-se uma inovadora prescrição da vivência humana nos centros urbanos com a intenção de que a concepção negativa consiga ser alterada. Nessa perspectiva, refletir a respeito do desenvolvimento urbano com base numa concepção crítica e investigativa da

cidade e todo seu processo de urbanização vigente, englobando análises críticas da exclusão, da pobreza e violência contribui para o enriquecimento da prática da cidadania.

Sob essa interpretação Cavalcanti (2008, p. 152) elucida:

A formação da cidadania para a vida urbana é o objeto básico do projeto de cidade educadora; uma formação que garanta que todos possam se manifestar e buscar maneiras de viabilizar a realização de seus desejos e necessidades e de compreender e resolver os problemas cotidianos desses espaços. As cidades são diferentes, assim como o são as pessoas que nela vivem. Porém, é preciso pensar em desejos, em problemas compartilhados social e historicamente; é preciso pensar em cidades educadoras como a expressão de um plano estratégico para a vida social no mundo atual.

Conforme Cavalcanti (2008), os conteúdos pertinentes à cidade dão ao discente ferramentas importantes para entendê-la em sua complexidade, a partir de suas próprias experiências com o espaço, e essa reflexão competem às instituições de ensino, na qual tem por objetivo educar para a formação cidadã, em particular, a geografia escolar, na qual trabalha com tema da cidade e o espaço urbano. Sendo assim, analisa-se que o indivíduo na qual habita a cidade necessita de ser instigado retratar sua realidade propriamente com o espaço urbano, em uma operação da procura de assimilação e interpretação da cidade, princípio primordial da composição de um cidadão crítico.

Dessa maneira, incorporar a cidade no pensamento escolar auxilia para que os educandos entendam as relações de seus espaços de vivência, seus direitos, principalmente o direito a cidade, e, por conseguinte um olhar geográfico. Assim, a Geografia é uma das ciências na qual inclui o estudo da cidade e do cotidiano urbano, enquanto maneira de compreender o espaço geográfico, pois auxilia para que os educandos entendam as relações de seus espaços de vivência, seus direitos e principalmente o direito a cidade.

Cavalcanti (2008) apresenta o pressuposto de uma cidadania ativa e participativa que possa atuar conscientemente na construção/reconstrução coletiva de ambientes urbanos mais compatíveis com princípios democráticos e de justiça social. A relevância está direcionada na capacitação dos sujeitos de desfrutar a cidade, lutar e colaborar em sua administração; isto é, certificando assim o direito à cidade.

Perante isso, torna-se perceptível o vínculo com a cidadania na prerrogativa do direito à cidade. A rigor, estabelecer este conceito parte das quais perspectivas observa-se uma vez que a cidade é composta para além de elementos materiais. Contudo, inicia a partir do instante que consideramos enquanto produção humana, onde as relações sociais se concretizam e a vida cotidiana se materializa perante as multiplicidades do espaço urbano.

O entendimento a respeito da cidade é colocado também por Cavalcanti (2008, p.149), quando considera relevante “conhecer seus usos, os territórios apropriados e os grupos que deles se apropriam (e pro que se apropriam), as possibilidades e os desejos de usos de lugares por parte dos diversos grupos”. Isto colocado, tal debate teórico argumenta na percepção da cidade como local de atuação ativa, sendo fundamental na formação do pensamento crítico e compreender que os estudantes têm direito a cidade.

Por isso, Cavalcanti (2008) salienta que urbanos, a segregação, a criação de periferias e de centralidades são processos interligados e decorrentes da estratégia de ocupação e apropriação dos espaços pelas diferentes classes sociais. Isto colocado, tal debate teórico argumenta na percepção da cidade como local de atuação ativa, sendo fundamental na formação do pensamento crítico e compreender que os estudantes têm direito a cidade.

A cidade consegue tornar-se vista por cerca de uma abertura, um argumento pedagógico com o propósito de entendimento da estruturação de um espaço do cidadão. Cavalcanti (2008, p. 149) afirma que a cidade é educadora, pois forma valores e comportamentos. Para, além disso, a autora ainda propõe uma espécie de programa educativo “o desenvolvimento de capacidades e habilidades para que as pessoas possam viver de forma mais plena na cidade, usufruindo seus benefícios, para além das possibilidades restritas ao lugar onde vivem em seu cotidiano imediato” (CAVALCANTI; 2008, p. 150).

Do mesmo modo que a escola não detém percepção em referência a cidade, na escola o ensinamento que se destinam a explorar, compreender a refletir e ponderar a cidade não se limita (ou não se deve restringir) à geografia. Porém, compete a esta ciência escolar o comprometimento do estudo do espaço no empenho com a intenção do discente seja capaz entender sua função como sujeito produtor do espaço; causador pelo desenvolvimento que cedem à forma e conteúdo da cidade.

A geografia escolar considerando a cidade como seu objeto, concebe a perspectiva do triunfo do espaço urbano através do cidadão. Por esse motivo o direito a cidade nos apresenta correto anunciar que: “não pode ser concebido como um simples direito de visita ou de retorno às cidades tradicionais. Só pode ser formulado como direito à vida urbana, transformada, renovada”. (LEFEBVRE, p. 117-118). O direito a cidade mistura-se com o

exercício da cidadania, no corpo social de hoje. Contudo, por meio da geografia que possuímos a expectativa do estudo da cidade enquanto intermédio para a constituição do cidadão no ponto de vista do direito a cidade.

Não é dificultoso esbarrar, particularmente nas escolas periféricas, discente que jamais distanciaram se de seus bairros, na intencionalidade de explorar novas cidades ou até mesmo o próprio centro da cidade que esta localizada seu bairro. Assim como é mais comum com que se consiga imaginar é deparar com docentes que não conhecem a cidade na localidade em que encontram se.

A demonstração em que inúmeros estudantes não conhecem a cidade, não sai pela cidade, dá indício o valor do educador (principalmente no professor de geografia) na exploração da cidade na qual vivem, tendo um diálogo ininterrupto com a cidade, partindo com o provável. Assim, levando o que seria a mais importante, com o intuito de através desse conhecimento adquirido sejam capazes de atuar enquanto mediadores de prováveis eventualidades na relação de aprendizagem entre cidade e alunos

Há inúmeros estudantes que não conhecem a cidade, não saem pela cidade, por isso o valor do educador (principalmente no professor de geografia) na exploração da cidade na qual vivem, já que possuem um diálogo com a cidade. Assim, são capazes de atuar enquanto mediadores de prováveis eventualidades na relação de aprendizagem entre cidade e alunos.

É diante desse curso que o estudo das experiências de vivência (isso engloba a cidade, pois a maioria dos discentes atualmente vive no meio urbano) se expõe enquanto alternativa de uma metodologia a compreensão do espaço.

Desse modo, sendo possível por meio de um curta-metragem perceber aproximações presentes por meio de uma lente de câmera, manuseada pelos próprios educandos, uma aproximação com o conteúdo de geografia; sobretudo no que diz respeito a cidade e o espaço urbano. Na qual existem no livro didático, como: apropriação da cidade, segregação espacial, territorialidades, espaço urbano, equipamentos urbanos, violência. Assim a produção audiovisual apresenta se enquanto alternativa de recursos didáticos, para além do livro.

Uma dos ideais para essa proposta advém do estudo de Brenner e Carrano (2014), entre as quais analisaram as produções de vídeos agraciados no III Festival Imagens em Diálogo, na qual contava com eixo “uma escola sem muros”, no intuito de encorajar o aluno a produzir seus próprios vídeos, em que traziam questões dos seus cotidianos e suas vivencias na escola.

A proposta neste artigo a partir de Brenner e Carrano (2014) a ideia é trazer uma atividade para os discentes, na qual produzem uma reflexão acerca do tema de sua relevância no que se refere a vida do estudante na cidade, usando seus próprios equipamentos (câmeras filmadoras dos próprios celulares).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O docente em Geografia consegue aplicar a linguagem do audiovisual de diferentes maneiras no intuito de desenvolver o processo de ensino-aprendizagem. Contudo, na ocasião em que o educando transfigura-se enquanto protagonista desse processo, gerando seus próprios roteiros, abordando suas problemáticas com o propósito de que estejam narradas nos vídeos, lidando em equipe na produção e edição contestando as indagações levantadas, existe um dialogo e (re) significação dos conteúdos demandados, uma vez que o discente passa está a par do processo e, através da análise dos conceitos e temas e da engajamento numa eventual atividade, produz um vínculo afetivo que coopere para o pensamento crítico.

Agindo enquanto protagonistas, trazendo indagações do seu cotidiano na qual dispõem relações com conhecimento de índole da geografia para serem estudados e questionados em sala de aula, os educando passam a se torna prestigiados assim como o docente move-se para uma viabilidade de conectar vários conceitos e temas da geografia com os quesitos de relevância para o aluno, expondo em inúmeras escalas.

O audiovisual engloba imagem, som e narrativa, assim, é uma linguagem influente seja para apresentar distintos aspectos de um dado fenômeno geográfico na cidade, ou até mesmo encarrega-se de criticar a própria cidade e como tal é produzida. A imagem gera uma paisagem, uma perspectiva de quem esta filmando uma cena a respeito do tema, o som enaltece o afetivo, a concentração do espectador, desse modo, oferecer dramaticidade na qual mergulha em um ato de reflexão; a narrativa exhibe a intencionalidade, o olhar do mundo na qual mostra acerca de um dado tema. E, nesse cenário, que o processo de produção audiovisual se torna mais considerável que o curta-metragem já solidificado.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Jorge Luiz. Geografia e Cinema: em busca de aproximações do inesperado. IN: CARLOS. Ana Fani Alessandri. (org) **A Geografia na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2008.



BRENNER, Ana Karina. CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. **Os sentidos da presença dos jovens**

no ensino médio: representações da escola três filmes de estudantes. Educação & Sociedade, vol. 35, núm. 129, out/dez, 2014, p. 1223-1240

CALLAI, Helena Copetti. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, A. C.; CALLAI, H. C.; KAERCHER, N. A. **Ensino de geografia práticas e textualizações no cotidiano.** 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2000. p. 83-134.

CASTELLAR, Sônia & VILHENA, Jerusa. **Ensino de Geografia.** São Paulo: Cengage Learning, 2010.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A geografia escolar e a cidade: ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana.** Campinas/SP: Papirus, 2008.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e práticas de ensino.** Goiânia: Alternativa, 2002.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos.** Campinas, SP: Papirus, 2008.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano.** São Paulo: Ática, 1999.

ELLIOTT, Jhon. **La investigación-acción en educación.** 3ª. ed. Madrid: Morata, 1997.

ELLIOTT, Jhon. **La investigación-acción en educación.** 3ª. ed. Madrid: Morata, 1997.

KEMMIS e MC TAGGART, 1988, apud Elia e Sampaio, 2001, p.248.

KEMMIS e MC TAGGART, 1988, apud Elia e Sampaio, 2001, p.248.

MONBEIG, Pierre. **Papel e valor do ensino da Geografia e de sua pesquisa.** I.B.G.E Conselho Nacional de Geografia; 1956.

MORAN, José Manuel. **Mudanças na comunicação pessoal.** São Paulo: Paulinas, 1995.

PARAMETROS CURRICULARES NACIONAIS. (1998). Ensino Fundamental II. Brasília: MEC.

PORTO, Tania Maria Esperon. As mídias e os processos comunicacionais na formação docente na escola. In: Reunião Anual da ANPEd, 25. Caxambu: CD-Rom, 2002.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único a consciência universal.** Rio de Janeiro: Record, 2001.

SILVA, Sandra Gallo da. **Cidade e Ensino de Geografia: contribuição a uma educação geográfica da e para a cidade.** Montevideo-Uruguai, EGAL, 2009.

STRAFORINI, Rafael. **Ensinar Geografia: o desafio da totalidade-mundo nas series iniciais.** São Paulo: Annablume, 2004.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação.** 11ª. Ed. SP: Cortez, 2002. Coleção temas básicos de pesquisa-ação.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação.** 11ª. Ed. SP: Cortez, 2002. Coleção temas básicos de pesquisa-ação.

VESENTINI, José Willian. Educação e ensino da Geografia: instrumentos de dominação e/ou libertação. In: CARLOS, A. F. A. (Org.). **A Geografia em sala de aula.** São Paulo: Contexto, 1999.